



Samuel Dantas de Araújo*

RESUMO

O objetivo do presente artigo é expor como Santo Tomás de Aquino aborda a questão da felicidade, fim último da vida humana, a partir das cinco questões que se encontram na *Suma Teológica* acerca do referido tema.

Palavras-chave: Fim último. Felicidade. Tomás de Aquino.

Happiness in Saint Thomas Aquinas from some issues of the Summa Theologica

ABSTRACT

The objective of this article is to expose how Saint Thomas Aquinas approaches the question of happiness, the ultimate end of human life, from the five questions that are found in the *Summa Theologica* on that topic.

Keywords: Ultimate end. Happiness. Aquinas.

A felicidade em Santo Tomás de Aquino a partir de algumas questões da *Suma Teológica*

Kairós: Revista Acadêmica
da Prainha

ISSN: 1807-5096

e-ISSN: 2357-9420

Fortaleza,

v. 19, n. 1, 2023

* Possui graduação em Filosofia pela Faculdade São Bento da Bahia (2009) e mestrado no programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (2017). E-mail: emersonbentoosb@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7347515283386927>.

Introdução

A questão relativa à felicidade do ser humano aparece no arco histórico-temporal da Antiguidade como um tema de fundamental importância dentro do panorama mais amplo da reflexão filosófica. Santo Agostinho dedicou à questão o diálogo *A vida feliz*, e antes dele, Epicuro de Samos abordara o assunto na sua célebre *Epístola a Meneceu sobre a felicidade*. Foi ela também analisada por Cícero na obra *Sobre a finalidade dos bens e dos males*.

Todos os pensadores anteriores a Santo Tomás que se ocuparam do tema quiseram saber, sobretudo, o seguinte: o que é a felicidade, assim como quais são os meios que a ela podem nos conduzir. Hodiernamente, são para estas duas fundamentais perguntas que se procura uma resposta adequada: acerca de sua essência íntima e dos instrumentos destinados à sua obtenção. São esses os dois grandes eixos em torno dos quais gravita qualquer tentativa especulativa sobre a questão.

Lendo as obras consagradas a esta temática filosófico-teológica de transcendente importância e imensa complexidade, deparamo-nos com uma ampla variedade de posições sobre a mais fundamental das questões – o que é a felicidade – pois verifica-se que uns a colocavam em certas coisas, enquanto, para outros, a felicidade poderia ser definida. Havia aqueles para os quais a felicidade estava situada em algo exterior ao ser humano, enquanto para outros tratava-se de algo mais interiorizado, um bem que residia dentro do próprio homem, cabendo a este, por meio de diuturnos exercícios, conquistá-la. Esta dupla postura, com o acréscimo de um ou outro matiz específico, atravessará os séculos, estando ambas presentes nas mais diversificadas noções de felicidade que foram progressivamente surgindo.

Antes, porém, de ser um problema passível de uma solução plenamente satisfatória, a felicidade é-nos apresentada como um desejo universal. Platão já o dissera no diálogo *Eutidemo*: “Todos os homens aspiram à felicidade” (PLATÃO *apud* FRAILE, 1961, p. 453). Quanto a este ponto, existe um consenso universal, não havendo em qualquer povo ou cultura, por mais antiga que seja, quaisquer indícios que pareçam indicar uma posição contrária. Impõe-se, pois, considerar como um fato comumente admitido, e que não padece de uma dúvida fundada, que todos os seres humanos querem ser felizes.

Santo Tomás tratou da felicidade em suas duas grandes obras sistemáticas, a *Suma Teológica* e a *Suma contra os Gentios*. No livro terceiro desta última, analisa a questão, mostrando, por um lado, no que a felicidade não pode consistir, e por outro, o que ela é. Já na *Suma Teológica*, dedica ao tema da felicidade cinco questões na primeira parte da segunda parte, versando, na primeira delas, sobre o fim último do homem. Das cinco questões, as que tratam diretamente da essência da felicidade são a questão II: em que consiste a felicidade do homem, e a questão III: que é a felicidade.

Historicamente, é na Grécia que encontramos, logo após o nascimento da filosofia, noções bastante diversificadas de felicidade. Se os gregos não foram os únicos a pensar sobre a questão, foram certamente os primeiros a desenvolver uma complexa teoria sobre ela. Assim, Tales de Mileto julgava feliz quem possuísse um corpo são e forte, boa sorte, e alma bem formada. Dado que o ser humano é constituído de um corpo e de uma alma, a felicidade deveria referir-se às duas partes de cuja união resulta um ser humano completo.

Demócrito era de opinião que quem quisesse lograr a felicidade deveria estabelecer uma medida para o prazer e a proporção de vida, o que implicava que o homem se mantivesse a uma certa distância quer de defeitos, quer de excessos, coisas incompatíveis com a felicidade e que dificultavam a sua obtenção.

Em seu diálogo *Górgias*, sustentou Platão que “os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança; os infelizes são infelizes por possuírem a maldade” (PLATÃO *apud* ABBAGNANO, 2003, p. 434).

Quanto a Aristóteles, sua noção de felicidade é mais complexa e elevada que as que tinham sido antes dele formuladas, em razão possivelmente de incluir elementos diversos. Definiu-a como certa “atividade da alma realizada em conformidade com a virtude” (ARISTÓTELES, 1995, p. 270). Para o filósofo, pessoas felizes devem ter ao seu dispor três espécies de bens: os exteriores, os do corpo e os da alma. Havendo ausência de um destes bens, já não seria possível dizer que alguém é de fato feliz. Assim, não seria feliz quem, apesar de possuir bens materiais e um corpo robusto, tivesse uma alma escrava de paixões viciosas.

No sétimo livro da *Política*, o filósofo mostra que os bens exteriores, à semelhança de qualquer instrumento, têm um limite dentro do qual desempenham uma função meramente utilitária, sendo por isso menos excelentes do que os chamados bens espirituais, cuja fruição proporciona um deleite maior.

À época de Aristóteles, já havia uma significativa gama de opiniões desconstruídas sobre o que fosse a felicidade, isto é, em que ela essencialmente consistia. Semelhante fenômeno encontrar-se-á presente em todas as épocas posteriores. Em qualquer período histórico, pode-se notar que nunca encontramos uma noção única de felicidade.

Uma das dimensões mais apaixonantes e sem dúvida alguma das mais intrigantes e paradoxais inerentes à questão é que não obstante todos, sem exceção, desejarem a felicidade, os caminhos adotados para a consecução deste bem supremo apresentam-se tão diversificados quanto os gostos dos homens. Eis porque o filósofo principia sua *Ética a Nicômaco*, cujo tema central é precisamente o da felicidade, referindo uma série de opiniões sobre o mesmo:

Alguns identificam a felicidade a algo visível, como o prazer, a riqueza; para uns é uma coisa e para outros outra coisa; muitas vezes a pessoa identifica o bem com coisas diferentes, dependendo das circunstâncias, como a saúde quando ela está doente (ARISTÓTELES, 1995, p. 3).

Portanto, o único consenso existente no que concerne a questão da felicidade é o fato de que todos a desejam. Quanto, porém, aquilo em que ela consiste, até o presente momento da investigação filosófica, que se propõe dar uma solução para o problema, no caso de ela efetivamente existir, as discussões continuam.

1 Se todos desejam a felicidade

O tratado tomista sobre a felicidade está escalonado em três questões intimamente relacionadas, na medida em que uma acaba conduzindo necessariamente a outra, culminando em uma solução. O que em primeiro lugar se investiga é se de fato pode-se estabelecer como certo que todos os seres humanos, sem nenhuma exceção, desejam efetivamente o bem supremo que é a felicidade, e se esta constitui o termo para o qual convergem todas as ações humanas.

Santo Tomás parte do pressuposto, encontrável em todos os tratadistas que o antecederam na abordagem da questão, de que, sem exceção, todos queremos ser felizes, sendo a consecução da felicidade o principal escopo existencial do agir humano. Nenhum ser humano existe que não queira ser feliz, e ao mesmo tempo não

há ninguém que aspire a infelicidade. Um desejo, assim tão universal, não pode de modo algum ser vão, e a realização da perfeita felicidade deve ser possível, já que em todos os seres humanos o desejo dela existe como algo nato, tal qual o desejo do conhecimento.

Antes de mostrar porque a felicidade não consiste em certas coisas nas quais os seres humanos costumam geralmente colocá-las, e onde ela de fato está, importa verificar em primeiro lugar se efetivamente é verdade que todos os seres humanos a desejam. Santo Tomás considerou esta questão como uma espécie de preâmbulo introdutório de tudo o que viria na sequência.

Santo Agostinho havia se convencido, a partir de sua própria experiência pessoal de busca incansável da felicidade e da verdade, que “se um comediante dissesse: todos quereis ser felizes, e não quereis ser miseráveis, diria algo que ninguém deixaria de confessar, na sua vontade” (AGOSTINHO, 1995, p. 130). Que todos os seres humanos querem ser felizes, trata-se de uma verdade universal que nem o mais empedernido cético ousaria colocar em dúvida.

Para Santo Tomás, a essência da felicidade consiste em ser ela o bem perfeito, capaz em virtude de sua intrínseca excelência, de satisfazer totalmente à vontade, e neste sentido, deve-se dizer que todo ser humano a deseja. Quanto, porém, naquilo em que a felicidade consiste essencialmente, dever-se-á dizer que nem todos a querem, porque nem todos sabem no que de fato consiste a felicidade, por todos procurada como um grandíssimo bem que a todos os outros bens excede. E foi precisamente por não terem sabido em que consistisse o bem perfeito, “o terem posto uns a felicidade no prazer do corpo, outros na virtude da alma, outros em outras coisas”, como já em seu tempo tinha observado Santo Agostinho (1995, p. 480).

Esta multiplicidade conceitual sobre a felicidade, que encontramos nas várias correntes de pensamento que foram surgindo ao longo da história, não nos deve causar estranheza, pois “elas representam também as opiniões dos homens de todos os tempos e de todos os lugares, dada a complexidade da vida humana, sensível e espiritual.” (PHILIPPE, 2002, p. 33).

Assentado que todos querem a felicidade, “o bem perfeito que sacia inteiramente o apetite natural do homem” (AQUINO, ST, q. 6, a. 8, resp. a terceira, 1980, p. 1079), é mister antes de se proceder a uma definição mais rigorosa do que

seja a felicidade, estabelecer, em primeiro lugar, no que ela não pode consistir de modo algum.

Na *Suma contra os Gentios*, cuja estrutura diferencia-se da que encontramos na *Suma Teológica*, muito provavelmente em razão da diversidade do público-alvo para o qual uma e outra foram escritas, a análise da questão tem uma parte negativa e outra positiva. Depois que se procede à demolição de certos argumentos, argumenta-se a favor da tese contrária, objetivando mostrar a sua inconsistência.

Em primeiro lugar, Santo Tomás mostra porque a felicidade humana não pode consistir nos deleites da carne, nas honras, na glória, nas riquezas, no poder mundano e nos bens corpóreos. Mostra-nos também porque ela não pode consistir em outras coisas menos materiais, como os atos das virtudes morais, os atos da prudência ou a atividade artística. A felicidade tampouco consistiria em um conhecimento geral e confuso do ser divino.

Temos, assim, a seguinte estrutura esquemática dentro da qual se discute a questão da felicidade: inicialmente, como ponto de partida de toda a argumentação, responde-se a seguinte pergunta: todos os homens desejam a felicidade? Em seguida a esta, demonstra-se por que razões não é possível que a felicidade esteja em certas coisas nas quais costumeiramente os humanos a colocam. Por fim, resolve-se a questão, argumentando que a felicidade somente poderá ser obtida em plenitude quando o ser humano contemplar a essência divina, o que somente se dará na eternidade.

Tanto na *Suma Teológica* quanto na *Suma contra os Gentios*, Santo Tomás se refere a um fim último da vida humana, o qual seria a felicidade ou sumo bem perfeitíssimo e em cuja posse estável e permanente a vontade finalmente descansaria inteiramente saciada. Mas esta felicidade perfeita e verdadeira que todo ser humano naturalmente aspira, mesmo não sabendo alguns em que consista, não pode ser obtida nesta vida que fatalmente há de acabar depressa, dada a sua trágica brevidade.

Nas duas obras, Santo Tomás exclui radicalmente a possibilidade de que alguém possa ser plena e perfeitamente feliz neste mundo. A felicidade, identificada com o supremo fim último do ser humano, situar-se-ia para além do mundo, da história e do tempo. Na visão de Santo Tomás, a felicidade é sobrenatural e transcendente. Não é tanto algo que vamos progressivamente construindo mediante diuturnos

esforços, mas um dom que somente podemos receber gratuitamente daquele que é o único que no-la pode dar, Deus.

Excluída de forma categórica a possibilidade de a criatura racional ser plenamente feliz neste mundo, e no curso transitório desta vida através de certas coisas que os mortais na sua grande maioria buscam avidamente julgando que por meio delas obterão a felicidade verdadeira, conclui Santo Tomás que a felicidade nem pode estar no mundo, nem pode ser obtida nesta vida, o que implica que aqui nenhum ser humano pode alcançá-la em plenitude.

A felicidade última do ser humano, dirá Santo Tomás, consiste na contemplação de Deus na eternidade, o que não se pode obter no curso desta vida mortal. Daí vem que ninguém, por mais que se esforce, poderá neste mundo e nesta vida conseguir a felicidade a que naturalmente aspira. Só Deus que colocou no coração do ser humano o desejo irreprimível de ser feliz, somente ele e nenhum outro bem de natureza criada pode saciá-lo.

2 O fim último do ser humano

Na *Suma Teológica*, Santo Tomás perguntou-se se, porventura, há um fim último da vida. Tal pergunta, no contexto da reflexão contemporânea, revestiu-se de uma enunciação mais prático-existencial, a qual pode assim ser formulada: pode-se atribuir um sentido positivo para a existência humana, ou ela terminaria de maneira definitiva com a irrupção da morte, seu ponto final e definitivo, para além da qual nada mais existiria?

Esclareçamos previamente o que se entende por fim. Há de entender-se fim no contexto em que o termo aparece empregado, não como término de algo, como, por exemplo, se diz que certo indivíduo chegou ao fim do seu curso acadêmico.

A questão que se refere a um possível fim da vida humana, isto é, a uma meta para a qual ela se dirige por meio de um movimento consciente e, ao mesmo tempo, racional, encontramos-la desenvolvida até mesmo na literatura. A este respeito, lê-se no romance *Os irmãos Karamazov*: “O enigma do homem não é a vida, mas o fim para que se vive” (DOSTOIEWSKI, 2009, p. 34)

Só podemos atribuir um sentido positivo e filosoficamente válido à vida porque ela se direciona para uma consumação última. Se, com efeito, tudo quanto na vida

fazemos ordena-se para a obtenção de uma dada finalidade, parece gozar de uma certa plausibilidade a tese que postula a existência de um fim último da vida humana, alcançado quando o ser humano repousasse em uma beatificante estabilidade na qual gozaria de todos os bens e não seria afetado por qualquer tipo de mal. “O último fim é que dá o nome às coisas.” (PASCAL, 1988, p. 265).

Respondendo à pergunta sobre se convém ao homem agir para um fim, Santo Tomás observa que, dado que o objeto da vontade é o fim e o bem, como o do intelecto é a verdade pura e simples, “necessário é tendam todas as ações humanas para um fim” (AQUINO, ST, q. 1, a.1, solução, 1980, p. 1026), não pode haver ação sem escopo determinado. É impossível que haja alguma ação, por mais insignificante que nos possa parecer, que não se dirija na direção de um determinado fim, o qual é sempre um bem. Tal tese, a encontramos também na *Suma contra os Gentios*, onde se lê: “Todo ente ao agir, tende para o bem” (AQUINO, SCG, III, 7, 4, 1996, p. 389).

No artigo II da questão primeira da *Suma Teológica*, aparece a seguinte questão: “se agir para um fim é próprio da natureza racional”. É o fim que nos faz agir, mobilizando o ser e todas as faculdades das quais é constituído. O que move alguém a realizar alguma ação é algo que se quer obter, razão pela qual “faça o homem seja o que for, é verdade dizer-se que age para um fim” (AQUINO, ST, q.1, a. 1, resposta a segunda, 1980, p. 1026).

Aristóteles estabeleceu no segundo livro da *Física* que não só o intelecto, mas também a natureza age para um fim. Concordando neste aspecto com o Estagirita, Santo Tomás sustenta que “todos os agentes agem necessariamente para um fim e o agente só age visando um fim.” (AQUINO, ST, q. 1, a. II, solução, 1980, p. 1027).

Deve-se ter presente, todavia, que no respeitante ao fim, há fins intermediários. Assim, por exemplo, o fim em vista do qual alguém ingressa em uma universidade na qualidade de aluno é formar-se e obter o seu diploma quando concluir o curso. Ora, se no decorrer de nossa vida neste mundo, perseguimos através de nossos esforços este ou aquele fim particular, que a inteligência nos mostra como sendo bom, e por isso digno de ser perseguido e alcançado, devemos supor que também para a vida humana, considerada no seu conjunto, haja também um fim último.

Este fim, para obter o qual alguém age, é um bem, sendo algo de natureza desejável. Ninguém, ao agir, procurará algo mal ou que o possa de algum modo prejudicar, já que todo ser busca, antes de tudo e em primeiro lugar, aquilo que seja conveniente à sua conservação e permanência no ser.

O fim último do ser racional é a felicidade, meta suprema de todas as nossas aspirações, e tudo aquilo que se faz destina-se a obtê-la.

3 No que não consiste a felicidade humana

Em todas as épocas da história houve quem colocasse a felicidade do ser humano em coisas exteriores a ele. Essa é, aliás, uma das concepções clássicas de felicidade. Alguém é feliz na medida em que possui isto ou aquilo.

No Ocidente atual, tal forma de pensar encontra numerosos adeptos, e é muito raro encontrar alguém que tenha de felicidade uma concepção que não inclua como um dos seus elementos constitutivos a posse de coisas e objetos.

Se considerarmos que esta tendência a materializar o bem da felicidade encontra-se presente e difusa em todos os povos de que se tem notícia, podemos pressupor que no período em que Santo Tomás viveu, muitos também assim pensavam. Eis porque, na questão segunda, ele se pergunta se a felicidade poderia consistir nas riquezas, nas honras, na fama, no poder, no prazer, em algum bem do corpo ou da alma.

Aqui, interessa-nos apenas a solução de cada um dos artigos de que se compõe a questão. Chama a atenção do leitor atento que cada solução do artigo começa sempre do mesmo modo: é impossível a felicidade do homem consistir na riqueza e no prazer.

Santo Tomás, como antes dele Platão e Aristóteles, estava inabalavelmente convencido, tanto pelo que a fé que professava lhe ensinara sobre esta questão particular, quanto pela razão que sempre cultivou, que em nenhum bem criado se achava a felicidade que todos procuramos.

A felicidade que a criatura racional procura, e para a qual parece ter sido criada pelo primeiro princípio e fim último do homem, não pode residir em coisas que conquanto tenham um certo grau de bondade, são inferiores ao próprio ser humano. Este não pode ser feliz com algo menor do que ele. Somente um bem maior lhe pode

dar a felicidade a que aspira e que não consegue encontrar sem mescla de mal e imperfeição no mundo imperfeito e numa existência manifestamente precária, por causa dos muitos males que lhe estão anexos.

Quanto às riquezas, indispensáveis para a obtenção da felicidade numa visão materialista da vida, nelas não pode consistir a felicidade última do homem. É de notar que o autor não diz que ser rico seja uma coisa má e que a riqueza não possa contribuir para quem a possui gozar de uma relativa felicidade. O que se nega de maneira peremptória é que nelas possa se achar a felicidade última do homem. O que vale para a riqueza, aplica-se também aos outros bens que em seguida consideraremos.

Baseando-se na distinção aristotélica entre riquezas naturais e artificiais, Santo Tomás estabeleceu que nem na posse de umas nem na de outras pode consistir a verdadeira felicidade do homem. Não se deve nunca perder de vista, quando se fala de felicidade no pensamento de Santo Tomás, que ela é o fim último das ações humanas, não sendo, portanto, sensações agradáveis, porém efêmeras que vez por outra experimentamos.

As riquezas naturais – comida, bebida, vestuários, habitação – busca-as o homem para a satisfação de suas necessidades naturais. Quanto às artificiais, são elas buscadas por causa das naturais, como o dinheiro, inventado pela arte humana para facilitar as trocas. Como tanto umas (as naturais) como as outras (as artificiais) são procuradas em vista de uma outra coisa delas próprias diversa, resulta que nas riquezas não pode estar o fim último do homem e, logo, a felicidade.

Porque a glória ou fama não podem proporcionar ao ser humano a felicidade a que aspira, prova-o Santo Tomás do seguinte modo: como frequentemente “a glória humana é falaz” (AQUINO, ST q. 2, a. 2, solução, 1980, p. 1039) já que se baseia em opiniões humanas sujeitas ao erro e ao equívoco, podendo mudar rapidamente por causa da inconstância do ser humano, que hoje elogia e amanhã vitupera, é evidente que em uma coisa tão frágil e instável não pode consistir de modo algum o bem perfeito do ser humano, que é a felicidade.

Menos ainda pode a felicidade consistir no poder, já que para obtê-lo muitos estão dispostos tanto a matar como a morrer. Santo Tomás apresenta duas principais razões pelas quais não é possível que a felicidade consista no poder. “Primeiro, porque o poder exerce a função de princípio, como se vê claro em Aristóteles, a

felicidade, porém, de fim último. Segundo, porque o poder tanto se refere ao bem como ao mal, ao passo que a felicidade é o bem perfeito e próprio do homem.” (AQUINO, ST, q. 2, a. 4, solução, 1980, p. 1039).

A estas duas razões, se poderia acrescentar uma de ordem mais prática: o exercício do poder, quer na esfera civil, quer na eclesiástica, traz consigo muito desgaste físico-psíquico, bem como uma série de agigantadas preocupações com administração e finanças, por exemplo, para citarmos apenas as mais comuns, capazes de tirar o sono e o apetite, o que deteriora a saúde, condição indispensável para que se possa gozar de uma relativa paz de espírito, sem a qual a vida se torna bastante desagradável. Ora, algo que nos rouba a paz e a energia (e o poder faz isso) não pode ser um bem e, por isso, é impossível que nele esteja a felicidade.

Nos bens do corpo também não pode residir a felicidade do homem. E a razão pela qual não é possível se fundamenta no seguinte: os bens corpóreos destinam-se a conservar o corpo, o qual, como se sabe, será destruído pela morte. Ora, se assim há de forçosamente ser, se a felicidade do ser humano estivesse na dependência de tais bens, se acabaria com a dissolução do corpo. Mas dado que o ser humano está ordenado por quem o criou para uma felicidade sobrenatural, que está além da existência humana, e como os bens do corpo servem apenas para conservar por um tempo curto o que fatalmente há de acabar, por isso o bem da felicidade não poderá nunca consistir nos bens do corpo, não obstante a sua manifesta utilidade para a conservação da saúde.

Santo Tomás refuta igualmente a tese daqueles para os quais a felicidade do homem consiste no prazer, outro ídolo muito adorado na cultura contemporânea. Sem especificar de que prazer se trata, se corpóreo, intelectual ou espiritual, mas tomando-o em sua acepção mais geral, mostra porque não é possível que a felicidade de que todos temos sede possa consistir em algo tão frágil como o prazer, seja ele de que natureza for.

O homem, na cosmovisão cristã, é formado por uma alma espiritual unida a um corpo material. Sendo a alma mais excelente do que o corpo (este é produzido pelos pais enquanto aquela é diretamente criada por Deus e infundida no corpo para animá-lo), uma vez que ela é quem lhe dá vida, e sendo os prazeres corpóreos não só transitórios, mas também precários, resulta claro que em algo tão frágil não pode consistir o bem perfeito que é a felicidade.

Antes de Santo Tomás, Boécio já tinha advertido que “são tristes as consequências dos prazeres. Sabem-no os que se lembram das suas sensualidades, pois se estas os pudessem fazer felizes, nenhuma razão haveria para que os brutos não fossem considerados tais.” (BOÉCIO, 2002, p. 23).

Para concluir sua argumentação, Santo Tomás se pergunta se é possível que a felicidade do ser humano poderia talvez consistir em algum bem criado. Ora, se foi demonstrado mediante uma argumentação rigorosamente lógica, apoiada na simples experiência, que a felicidade não pode consistir nas riquezas, no poder, na glória, na honra, no prazer, nem nos bens do corpo e nem nos da alma, resulta claro que ela tampouco pode consistir em algum bem criado. Os supostos bens que foram analisados nos sete artigos constituem a totalidade dos bens existentes no mundo e que um ser humano pode desejar e buscar com vistas a ser feliz. Dado, porém, que nenhum destes bens, cuja precariedade foi mostrada, pode tornar o ser humano feliz, logo se pode concluir que nada mais haverá que o possa.

A felicidade é “o bem perfeito que repousa totalmente o apetite” (AQUINO, ST q. II, a. 8, solução, 1980, p. 1045). O que a vontade deseja não é este ou aquele bem particular, mas o bem universal, mediante o qual nada mais há para ser desejado. Não existe neste mundo nenhum bem que não contenha em si alguma mescla de imperfeição e mal, razão pela qual nenhum bem pode tornar o ser humano plenamente feliz, ainda que possa contribuir e muito para a produção de um relativo bem-estar. Como, porém, não é possível que nenhum bem particular possa satisfazer de modo pleno a vontade, senão o bem universal, por isso a felicidade não pode estar em nenhum bem criado, mas apenas em Deus, o bem universal.

4 A essência da felicidade e se ela pode ser obtida nessa vida

Para tratar destes dois pontos, concentraremos nossa atenção doravante no artigo oitavo da terceira questão, assim enunciado: “se a felicidade do homem consiste na visão da essência divina em si mesma” e no artigo III da questão quinta: “se a felicidade pode ser obtida nessa vida”.

Quanto à última pergunta, parece bastante evidente que numa vida tão precária como a humana, cercada de muitos males, não é possível a felicidade. E visto que, conforme nos atesta fartamente a experiência de todos os dias, nenhum

dos bens nos quais muitos fazem consistir a sua felicidade os tornam de fato felizes, é claro que ninguém pode ser feliz nesta vida. E já que o ser humano não pode ser feliz neste mundo e nesta vida, poderá sê-lo numa outra dimensão ou lugar? Há sobre este ponto apenas duas possibilidades.

Para os que julgam que tudo se encerra na morte, nada havendo depois, a felicidade só é possível no breve aqui e agora da vida presente. Neste caso, a felicidade terá de ser necessariamente breve, porque a mesma vida é breve. Acabando-se esta, acaba-se também aquela. Se precária é a vida, forçoso é concluir que não pode deixar de ser igualmente precária a felicidade que numa vida precária se consegue. Se precários são os instrumentos mediante os quais julgam os mortais que podem ser felizes, o que se há de conseguir por meio deles não poderá ser menos precário do que eles próprios.

A própria vida de muitas pessoas que detém quantidades abundantes de bens materiais, ou que ocupam cargos prestigiosos no meio em que vivem ou ainda que gozam de fama, nem sempre merecida e por motivos nobres, é a grande prova de que coisas não podem efetivamente tornar o ser humano feliz. Acrescente-se a isso que nos dias atuais muitas pessoas que possuem estes bens dizem claramente que não são felizes, e não é raro a mídia noticiar que alguém rico ou famoso desertou da vida.

Não se precisa de fé para saber que a felicidade não pode ser obtida nesta vida nem para saber que todos a desejam. Uma e outra coisa são bastante evidentes. Já quanto à felicidade consistir na visão da divina essência em si mesma, e existir realmente depois desta vida na eternidade junto de Deus, para admitir uma e outra coisa precisamos do auxílio da fé. Para o cristão Santo Tomás, a verdadeira felicidade consiste na contemplação da essência divina, o que somente será possível depois de encerrada a peregrinação do ser humano neste mundo.

A felicidade para a qual o ser humano foi criado por Deus está não no tempo, mas na eternidade, o que implica ter de admitir como necessária consequência que ela não pode de modo algum ser obtida nesta vida. Estando ela além, não pode estar aquém. Antes, porém, de precisar em que tal felicidade transcendente consiste, e mostrar por que não se pode obtê-la no curso desta vida mortal precária e passageira, Santo Tomás mostra que ela (a felicidade) é perfeitamente alcançável.

Conforme Santo Tomás, “a felicidade significa obtenção do bem perfeito” (AQUINO, ST, q. 5, a. 1, solução, 1980, p. 1069). Ora, dado que o intelecto humano é

capaz de apreender o bem universal e perfeito, assim como a sua vontade o é de apetecê-lo, disto resulta que o homem pode alcançar a felicidade.

Além do que, posto que nenhum desejo é vão, mas tende naturalmente a realizar-se, e já que é fato inconteste que todos querem ser felizes, não havendo quem não queira lograr o grande bem da felicidade, conclui-se que ela pode ser alcançada, e se não no curso da presente vida, pelas razões já elencadas, depois dela.

Esta felicidade, todavia, por cuja posse estável todos naturalmente aspiramos, podemos obtê-la nesta vida? Para os pessimistas, nem nesta vida, que é miserável e enganadora, nem numa outra, que não existe. O máximo que se pode conseguir são passageiros momentos de um relativo bem-estar. Uma felicidade ampla e estável, que por nenhuma vicissitude pudesse ser perturbada, não cabe nos exíguos limites de algo tão precário como a vida humana. Quem nasceu chorando e vai morrer fatalmente, em matéria de felicidade, não pode aspirar grandes coisas.

O argumento principal com o qual Santo Tomás demonstra ser impossível ao ser humano alcançar a felicidade nesta vida repousa em um fato que por todos pode ser observado e visto com bastante clareza: “Nesta vida não podemos excluir todo mal, pois a vida presente está sujeita a muitos males que não podem ser evitados: a ignorância da inteligência, a afeição desordenada do apetite e muitos incômodos do corpo” (AQUINO, ST, q. 5, a. III, solução, 1980, p. 1071).

Sendo a felicidade o bem perfeito, ela exclui por sua própria natureza todo mal e satisfaz todo desejo. Ora, a experiência nos mostra e ensina que o mal de nenhuma vida está excluído, e que, além disso, muitos desejos não são aqui saciados, o que vai contra a essência da felicidade. Por isso, ninguém pode ser feliz nesta vida. Quando muito, podemos dispor-nos para a obtenção da verdadeira e perfeita felicidade. Parece pouco, mas é o que se apresenta como possível.

Assim, como a verdadeira felicidade consiste na visão da divina essência que nesta vida não pode ser obtida, resta que “ninguém nesta vida pode alcançar a verdadeira e perfeita felicidade” (AQUINO, ST, q. 5, a. 3, solução, 1980, p. 1072).

Tendo visto no que não pode consistir a felicidade, e que ela não pode ser obtida nesta vida, resta-nos ainda ver o que ela é, do que agora nos ocuparemos.

Há duas coisas que não podem ser demonstradas por via puramente argumentativa, uma das quais é que existe uma felicidade para além desta vida e a outra que esta felicidade consista na visão da essência divina, em vermos a Deus tal

como Ele é. Estamos, pois, diante do que se chama em sentido estrito um mistério de fé, o qual só pela fé e na fé pode ser acolhido.

A razão humana não dispõe de recursos suficientes para demonstrar que a felicidade última do ser humano consiste em contemplar na eternidade a face de Deus. Quem no-lo garante que assim seja é a fé, fundada na Revelação de certas verdades sobrenaturais que Deus quis livremente comunicar aos homens, e na autoridade infalível, suprema e soberana da divina palavra.

A resposta ao artigo oitavo da questão terceira assim enunciada: “se a felicidade do homem consiste na visão da essência divina em si mesma” é afirmativa. Santo Tomás postula que há no ser humano um desejo nato de conhecer perfeitamente a causa de tudo o que existe, a qual é Deus, o Criador. Quando alguém conhece alguma obra de arte, por exemplo, é muito natural que queira saber quem é o seu autor. Para reforçar tal ponto de vista, Santo Tomás utiliza o exemplo de alguém que contempla um eclipse do sol: “Ao contemplá-lo, considera-lhe a causa, e não sabendo qual seja, admira-se, e admirando-se, perquire, e esta perquirição resultante da admiração não repousa até que chegue a conhecer a essência da causa” (AQUINO, ST, q. 8, a. 8, solução, 1980, p. 1057).

Admiramos, naturalmente, o que está à nossa volta e desta admiração, da qual nasceu a filosofia, no dizer de Aristóteles, nasce o desejo de conhecer perfeitamente o ser admirável que está na origem de tudo. E, por isso, a felicidade humana será ver tal qual é em si mesmo aquele que simplesmente “É”, o ser por excelência, de cuja superabundante plenitude brotaram todos os outros seres.

Consideração Finais

A pessoa humana, constituída em sua essência material-espiritual de um corpo perecível animado por uma alma imortal criada diretamente pelo Deus criador, é sobretudo um ser de desejo, um ser que procura compreender a partir de princípios e ideias não apenas a si mesmo, mas também o sentido mais profundo da sua existência, do seu estar enraizado no mundo.

Dentre todos os desejos múltiplos presentes no interior de qualquer ser humano, o mais forte, natural e espontâneo é sem dúvida aquele que o impele a uma incansável procura do sumo bem que é a felicidade. Este desejo inextirpável comum

a todos os seres racionais, esta aspiração universal que de algum modo irmana todos os seres humanos, por diversas que sejam as condições nas quais nasceram e dentro das quais movem-se no mundo e no contexto sócio-histórico-cultural a que pertencem, permanece como uma irreprimível tendência.

A constatação de que quero ser feliz naturalmente me impele a procurar a felicidade mediante um dado caminho julgado apto a conduzir-me até a meta ambicionada. O problema que surge não raro no meio da trajetória percorrida com vistas a obtenção de um fim de elevada natureza é nos apercebermos de que aquilo em que julgávamos repousar a felicidade não possui suficiente potencial para tornar-nos efetivamente felizes.

O ponto de partida de Santo Tomás é nada menos do que uma constatação sobre a qual é desnecessário argumentar: a felicidade é um bem apetecido por todos. De uma simples constatação, o intelecto procura antes desmistificar posturas pouco racionais e existencialmente falidas sobre o que seja felicidade, para daí mostrar que a verdadeira felicidade, sumo bem do ser humano, de modo algum pode consistir na posse ou usufruto do que lhe é inferior.

Assim, o homem que experimenta a radical insuficiência dos meios humanos para alcançar o bem para cuja posse parece ter sido feito pelo seu autor, vê-se na contingência de ou admitir, tomado de uma profunda melancolia, que a felicidade não é de modo algum possível nem aqui no mundo, onde todavia sentimos palpitar dentro de nós o seu desejo, nem alhures, num hipotético além supra-sensível e meta-histórico onde por fim todas as nossas aspirações seriam plenamente realizadas, ou em sentido inverso, que a felicidade pode ser obtida, palmilhando-se uma via diferente e inusual, iluminada por uma luz superior àquela que dimana da faculdade da razão.

A concepção tomista de felicidade situa-se tanto para além de uma visão materialista que a faz depender de coisas exteriores ao homem, como ultrapassa por sua transcendência a uma visão mais elevada que remonta a Aristóteles, para quem a felicidade consistiria na ação segundo a virtude. Uma felicidade que apenas consistisse na posse de determinadas coisas seria mais uma coisa do que propriamente o bem supremo que legitimamente aspiramos, porquanto para ele fomos criados.

O ser humano não apenas pode como deve aproveitar já no breve aqui e agora da vida presente, ela própria um dom comunicado pela divina liberalidade, tudo

quanto possa proporcionar um acréscimo de bem-estar, sem, todavia, esquecer que a felicidade para a qual foi criado excede infinitamente tudo quanto no mundo possa conquistar e desfrutar.

Santo Tomás não propôs tanto uma concepção teórico-existencial de uma felicidade imanente, adquirível através do emprego de um ou outro meio de que se costuma lançar mão para lográ-la. O escopo essencial que está implícito no corpo argumentativo da *Suma Teológica* é mostrar o que a felicidade não é, e mais importante do que este aspecto meramente negativo da questão, é o que conseguiu estabelecer, conjugando em uma sólida síntese elementos oriundos da experiência, da razão e da fé, a saber, sua dimensão positiva: onde pode estar a felicidade e em que ela consiste.

Criado por Deus para uma felicidade intermínima e definitiva e a cuja posse aspira sem cessar, o ser humano só poderá ser verdadeiramente feliz quando alcançar o bem supremo que é o mesmo Deus. A felicidade para a qual foi criado nem está fora, nem tampouco dentro do ser humano, mas apenas na posse segura e estável daquele que para si o criou.

Referências

ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os Gentios**. Volume II. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Volume II. Primeira Parte. Rio Grande do Sul: Livraria Sulina Editora, 1980.

BOÉCIO. **Sobre a consolação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DOSTOIEWSKI, F. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo: Editora 34, 2009.

FRAILE, G. **História de la Filosofia**. Madrid: 1961.

PHILIPPE. D. M. **Introdução a Filosofia de Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2002.

PASCAL, B. **Pensamentos**. São Paulo: Nova cultural, 1998. (Coleção Os Pensadores).

Recebido em: 07/10/2022.

Aprovado em: 20/01/2023.